



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de
25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2019

REPRESENTAÇÕES DO POVO NEGRO NA LITERATURA

Larissa Ribeiro Marques¹; Humberto Luiz Lima de Oliveira²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB; Graduando em Licenciatura em Letras com Língua Francesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: larissarimax@gmail.com.
2. Doutor em Literatura Comparada, Professor titular de Língua e Literatura francesas- Departamento de Letras e Artes, UEFS email: humbert_oliveira@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Negro; Sociedade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se ao resultado da pesquisa realizada pelo programa FAPESB, na Universidade Estadual de Feira de Santana, está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado *Assim Caminha a Humanidade? Revisitando Utopias: do individualismo, do coletivismo e do comunitário*, que tem um cunho bibliográfico e com auxílio de uma metodologia ancorada na Literatura comparada. Visa realizar uma interpretação da atual situação do Negro nas Antilhas, a partir do cruzamento da literatura com outros discursos de diferentes campos do conhecimento: o político, o social e o antropológico de modo a tentar compreender como perduram tanto as marcas culturais da tradição herdada da escravidão, a contribuição cultural dos afrodescendentes em diásporas. O texto literário base é a narrativa ficcional da escritora franco-antilhana Gisèle Pineau, o livro *Un papillon dans la cité*. O enredo literário gira em torno da personagem Felice, uma menina de 10 anos que mora com sua avó e não sabe onde sua mãe pode estar. Tendo como cenário inicial Haute-Terre, uma comunidade da ilha de Guadalupe, o romance evidencia o destacado papel da avó Madame Julia Benjamin, mais conhecida como Man Ya, uma senhora de 52 anos que trabalha num galpão de bananas em San-Marguerite, que assumiu a criação e a educação da neta desde o desaparecimento da sua mãe, apesar de todas as dificuldades econômicas, que por sua condição de mulher, negra e pobre foi obrigada a vivenciar, como muitas mulheres da sua coletividade, nessa rotina de uma tradição vivida pela população negra e pobre de Guadalupe após o processo colonial. Essa rotina se abala com a chegada de uma carta onde a mãe de Felice manda dizer que, vencidos os longos anos de dificuldades e provações, ela se encontra bem de vida, casada, morando na França e gostaria de ter sua filha ao seu lado. Man Ya, que

raramente interagiu afetivamente com a neta, depois da carta, mostrava-se contente, por tempo solícita, carinhosa e meiga, como nunca soubera ser. Na verdade, ela não gostaria de ficar sem a garota e buscou remontar noções de afeto entre elas. No entanto, Marie-Claire, uma amiga da família da mãe de Felice, deverá vir buscá-la.

Um turbilhão de emoções toma conta de Felice, aquela garota de Guadalupe, que vai realizar o sonho de conhecer sua mãe e também conhecer a França, mas é sentida que para isso, terá que deixar sua avó.

No começo desse encontro com uma nova realidade social e afetiva, que fez com que a garota tentasse interpretar sua nova situação no mundo, enquanto moradora de um outro país. Além da estranheza com o que lhe parece a cidade cinzenta e triste, ela se vê sendo o centro dos olhares de desconfiança das pessoas. Papa Jo foi encontrar Felice, Joseph, ou Papa Jo, como é chamado, o novo marido da sua mãe, é ele que foi receber Felice. Ele faz questão que ela o chame de pai, mostra-se muito atencioso com a garota.

Tudo era novo para Felice, desde as noções do lugar naquele apartamento pequeno, até a forte emoção de conhecer a mãe, que ela constatara ser parecida com a mulher da fotografia que tinha na sua antiga casa. Ela agora tem um irmão chamado Michel, ainda bebê. A mudança é radical na vida da menina, ela não pode mais morar em uma casa onde pode pisar no chão, onde tenha árvores e espaço, sua nova casa é pequena e os cômodos são estreitos. A nova escola também trouxe o ar de estranheza, os livros didáticos falam sempre do outro e de coisas que não são de sua cultura.

Diariamente, ela sonha e sente muita saudade de está com Man Ya. Sua mãe, que trabalha numa fábrica de confecções, odeia que fale de Guadalupe em sua casa, demonstrando um processo de apagamento da cultura antilhana, o desejo forte de anular sua identidade afrodescendente para melhor se achar inserida no mundo do branco-europeu. Laurine, está sempre citando que continuará na França, mesmo com a baixa qualidade de vida e com o pouco salário que recebe, pois para ela Guadalupe é um lugar que não tem desenvolvimento porque a tecnologia não é tão acelerada quanto na França. De acordo com a obra de Felix Guattari, nos tempos atuais, tem-se perdido a consciência da importância da ecologia. A sociedade em que vivemos tem sido tomada por uma onda tecnológica que age de forma acelerada, fazendo que se perca o equilíbrio ecológico, provocando uma cisão homem-natureza. A sociedade ocidental, soba égide do capitalismo avançado, não sabe manter diálogo com os anseios da subjetividade humana. Todo um pensamento binário se desenvolve e se amplifica: homem-natureza, civilização- barbárie, desenvolvimento- atraso tecnológico, constituindo antagonismos que norteiam a vida social. (GUATTARI, 1990).

A leitura do romance permite observar Felice como uma menina muito inteligente, ela foi considerada a primeira da turma e conseguiu uma vaga num outro colégio, lugar onde ela conheceu Mohamed, um amigo que viveu incríveis histórias com ela, com ressalvas a de

participar de uma seleção para conhecer um país e falar sobre ele nas aulas. O sonho dele conhecer o mar e Felice queria voltar para Haute-Terre para ver Man Ya. A menina fez disso sua meta, estudou e não mediu esforços para conseguir passar na seleção, para assim voltar a sua terra natal e realizar o sonho de rever sua avó e levar o seu amigo para conhecer o mar. Felice fez desse trabalho as férias mais felizes da sua vida. Mo(Mohamed) conheceu o mar e também os amigos de Felice.

A menina matou a saudade de sua avó, mostrou o quanto a ama e para além de tudo conseguiu trazer uma carta da sua mãe Laurine pedindo desculpas a Man Ya pelo sumiço e reconhecendo a importância dos conselhos da matriarca da família.

A história de Felice termina com seu sonho realizado, seus esforços na educação onde pudesse haver um encontro reencontro identitário foi bem sucedido, a criança conseguiu viajar, reencontrar sua avó, realizar o sonho do seu amigo e para além de tudo, levar para França a história da ilha de Guadalupe. Em síntese, pode-se concluir dizendo que o desfecho do romance mostra que há sempre um Outro do Outro, que não existe um mundo único, um único modelo identitário e que, apesar de Laurine ter medo de reconhecer, é na própria França que Felice vai descobrir outras culturas consideradas diferentes ao trazer ao texto narrativo a personagem de Mohammed, cujo nome remete à cultura muçulmana.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Metodologicamente, essa pesquisa se dividiu em cinco etapas: 1) Levantamento da obra literária produzida por escritoras negras; 2) Levantamento bibliográfico de autores que trabalham com a literatura na interface política-sociedade; 3) Análise e discussão de teorias levando em consideração seu conteúdo e seu contexto de produção; 4) Análises mais detidas com o apoio das reflexões empreendidas pelos estudos políticos feitos por grupos de estudos da UEFS.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

O presente trabalho começa com os dados das extensões territoriais que refletem de onde veio e onde ficaram os negros franceses que habitam na França. Esses dados informam que os negros que lá chegaram, foram de diferentes regiões muito ricas culturalmente, encontrando no outro território uma dificuldade de socialização, ou seja, indivíduos com linguagens e costumes diferentes, vivendo em uma terra com diferentes construções sociais que não garantia humanidade ao diferente. Esse era o ambiente que os negros de Guadalupe encontravam quando iam para França. Além da dificuldade de identificação, ocorria também a dificuldade em se inserir no mercado de trabalho e por falta de políticas públicas para imigrantes que permitisse uma ascensão social promovida pelo

estado. No campo da análise de dados observa-se que até hoje o reflexo da imigração ainda é latente na vida do homem de cor, que vive em diáspora e continua sofrendo preconceitos de diversas ordens, inclusive com a falta de instrumentos que possibilite o diálogo com sua cultura, dentre outras questões de ascendência social que são resultados de um racismo que é estrutural que marca os indivíduos desde o momento da sua chegada no país dito do outro. A busca por uma união entre povos é fundamental para criação de conhecimento, que rompa com barreiras de exclusão. Para isso a literatura, a educação, e o respeito as culturas diaspóricas têm sido as instrumentos para romper essas barreiras que apesar de muitas não são impossíveis de destruir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa proposta de leitura se alinhou as noções de Subjetividade e Negritude para encontrar imagens de vivência do negro em diáspora e sua reverberação na contemporaneidade. Entendendo que a Literatura é um campo de análise, que alinhada com outros campos do conhecimento é possível revisitar imagens históricas e refletir sobre os fenômenos sociais que marcam o momento da narrativa. Ernst Fischer afirma que “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a circulação de experiências e ideias.”(FISCHER,1973, p.3)

Partindo desse pressuposto, esse trabalho remonta uma possível leitura do romance *Um Papillon Dans La Cité* da escritora negra Gisèle Pineu (Paris – França). O romance nos permite acessar reflexões sobre identidade e aceitação com o histórico da vida das personagens. Felice através da aceitação do múltiplo conseguiu reescrever a história e remontar as noções de coletividade no seio das sociedades em que viveu. Mesmo tendo que sair do Caribe pra morar na França e com choque cultural na vida de uma, ela não se esqueceu do seu valor enquanto sujeito, nem se revoltou contra seu lugar de origem. Com a retomada de Felice para Haute-terre em um processo reencontro identitário, observamos que houve um rompimento com estigmas sociais que se sustentava no discurso da sua mãe, que partindo de um complexo de inferioridade, amava a França e odiava sua cidade natal.

Com efeito, a colonialidade estrutura um pensamento específico ligado a um padrão europeu de poder. Logo, subjulga como inferior o “outro”, que seria o diferente porque não parte das mesmas características ontológicas, negando assim a sua humanidade. Essa negação da mãe de Felice era mais uma das tentativas de se igualar a hegemonia e garantir seu status de humana. Já que na perspectiva fenomenológica do racista, o negro parte da negação do ser.

A viagem da criança pra sua terra representou uma nova possibilidade de visão de si e daquele lugar. Esse reencontro marca a expressão de uma malha de relações entre os sujeitos, que mesmo sendo parte de um todo, reflete diante das potencialidades de sua subjetividade. Felice, dentro de todo pressuposto da sua vida de criança negra, que foi pobre e que reencontrou outras possibilidades de vida, ela ancorou memórias de afeto do seu lugar. Quando conseguiu viajar e apresentar um trabalho sobre como seu país é um lugar rico em cultura e identidade, promoveu outras imagens daquele espaço, construiu memórias positivas sobre si e sobre o lugar que veio.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zíla. Literatura e identidade nacional. 2ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1979.
- FANON, Frantz. Pele negras, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro. Guanabara, 1987.
- GUATTARI, Félix. As três ecologias. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papyrus, 1990.
- GOBINEAU, Joseph Arthur. Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas. Barcelona: Editorial Apolo. 1937.
- MARILENE PROENÇA, Miguel Neneve. Educação e Diversidade: Interface Brasil-Canadá. Casa do Psicólogo livraria e Editora Ltda. 2005.
- OLIVEIRA, H. L. L. . Educação, Literatura canadense e sabedoria popular africana: breve reflexão sobre a pedagogia essencial ao milênio. In: NENEVÈ, Miguel e PROENÇA, Marilene. (Org.). Educação e diversidade: interfaces Brasil-Canadá. 01ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, v. 1, p. 67-86.
- OLIVEIRA, H. L. L. ; Sudha Swarnakar ; LEITE DE FIGUEIREDO, E.L. ; GERMANO, Patricia G.. Os milagres da Tenda: uma leitura da mestiçagem em Jorge Amado. In: SudhaSwarnakar;EdilianeLopesLeitedeFigueiredo;PatriciaGomesGermano.(Org.). NovaLeituracríticaemJorgeAmado.1ed.CampinaGrande(PB):EDUEPB,2013,v.01, p. 9-373.
- PINEAU, Gisèle. Un Ppapillon dans la cité. Editora Sépia. Saint Maur. 2010.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens Editora Universidade de Brasília – Brasília/DF; Editora Ática . 1989.